

O GRANDE ZOO

ALGURES, em Notting Hill, inaugurou-se o segundo hotel para aves domésticas de Londres. A televisão focou o empreendedor industrial, cidadão de passado impecável no que respeita a animais de pena leve, e aproveitou para mostrar as instalações: vivenda arejada, gaiolas funcionais, mesas redondas a preços convidativos, dietas controladas por um veterinário, seguros de vida (sic) para hóspedes de cinco estrelas, parque nas traseiras com vista para a Primavera. Resultado, a casa já não aceita reservas para os meses de Julho a Setembro.

O que isto representa de progresso, só Deus sabe. Até aqui, abrigo de cães, sim senhor, já havia — e muitos. Pensões para cavalos velhos, também — e por

britânico em matéria de fauna doméstica excede as medidas do Império. e *God Save the Pets!*

A Inglaterra — numerosos estatísticos. *Sunday Times Business News*, de 23 de Maio — gasta «mais de 20 milhões de libras (140 mil contos) por ano em alimentação de animais domésticos não utilitários (*pets*)». Vinte milhões de esterlino devorados com tanta dedicação representam um investimento de supermercado que naturalmente é preciso estimular para honra e glória dos orçamentos comerciais. Industrias alimentares, organizações de publicidade, magazines, clubes sociais e ligas zoófilas, enciclopédias especializadas para boa informação das donas de casa, abrigos.

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

ginal que se chamam «sanctuaries», es-tando muitas delas instalados em Brighton, paredes meias com os pensionistas do Estado que escolheram o sul para apanhar sol e digerir a reforma. Mas hotéis de pássaros era coisa que escasseava. Lamentavelmente, acrescente-se.

De modo que a partir de agora o londrino de bons sentimentos, que é todo aquele que tem animais em casa, pode partir para férias sem remorsos, entregando o periquito das Antilhas ou a pega da Cornualha ao hotel Guide Bleu de uma das zonas mais cosmopolitas da capital.

NESTA Primavera, como sempre, o anoitecer dos *pubs* começa a florir-se de carrinhos de bebés que ficam à porta enquanto os pais vão lá dentro buscar a cerveja ou o *gin and lime*. A lei não quer a infância conspurcada pelo espectáculo do pecaminoso exercício do álcool e corta a entrada aos inocentes. As famílias respeitáveis, muito eticamente, escolhem os *pubs* com bancos cá fora para beberem ao ar livre e, neste caso, à boca do berço.

Este anoitecer primaveril é apenas um dos muitos capítulos da história trágica da família que pelo ano fora vai revelando constantes e sensacionais episódios da presença das crianças no quotidiano da comunidade. Os casais recusam-se a alugar apartamentos a casais com filhos em idade pré-escolar, as mater-famílias protestam que há falta de abrigos para a infância, o número de jovens mães que abandonam os empregos cresce assustadoramente e o consumo da pílula aumenta.

O que vale é que o amor dos pais tudo vence — aqui e na Polinésia. A população sempre se vai renovando, apesar da falta de instalações para bebés e da florissante industria de abrigos para animais de luxo.

De luxo é uma designação demasiado tendenciosa: apresso-me a retidá-la. Proposito antes o substantivo local *pets* e nele se inclui todo o zoo privado da população britânica em todas as suas variantes, desde o pássaro ao peixe de aquário passando pelo rato-da-Índia, pelo esquilo mumificado, pela tartaruga milenária, pelo panda de circo e pela incoformada raposa. Isto, para exemplificar — porque a imaginação franciscana de um

empresas funerárias, clínicas — tudo isso constitui uma poderosa estrutura económica e social inspirada nos animais nossos amigos.

É evidente que existe uma aliança sentimental entre o *pet* e a criança. Vem nos tratados. Está na infância de todos nós, com passagem pelas cartilhas escolares e, mais para trás, em Esopo. Plínio o Velho e Monsieur La Fontaine. Alguns sociólogos têm analisado a devoção ao animal doméstico, e em particular ao cão, como uma transferência de autoridade e, no caso dos adultos, como a sublimação de certas constantes afectivas que o homem das sociedades modernas experimenta progressivamente com maiores frustrações. «É sabido», escreve Edwin Aldiss (*The Consciousness Stress*) «que o cão é muitas vezes o substituto do filho recusado. Numa comunidade em que os indivíduos adquirem cada vez mais cedo expressões de independência em relação à família, esse animal doméstico, pelas suas qualidades de dedicação, consagra-se como um elemento de fidelidade, o único sobre o qual o dono continua a exercer autoridade».

A asserção de Aldiss ilustra-se com exemplos do dia-a-dia, e recentes. Ainda no mês de Abril, por exemplo, se verificaram na Inglaterra três casos de crianças gravemente atacadas por lobos-d'alsácia e a reacção dos humanos foi elucida-tiva.

Num deles, os pais de uma criança ferrozmente mutilada vieram aos jornais implorar que os deixassem em paz com a sua dor, pois viam-se assediados com cartas insultuosas em que se fazia a defesa do cão, «essa criatura desprotegida». Noutro, mais célebre ainda, em que a vítima morreu poucas horas depois da agressão, o tribunal decidiu mandar abater o lobo-d'alsácia como criminoso com precedentes. Mas aqui o patético redobrou de intensidade: a mãe da vítima, ao ouvir a sentença, implorou ao juiz que comutasse a pena de morte, invocando a irresponsabilidade do cachorro e o seu passado de fidelidade à família.

AGORA, fins de Maio e das tragédias do Etna, dos terramotos na Turquia e do desastre aéreo de Rijeka, o cão aparece outra vez a dominar o cenário britânico.

Surge inesperadamente por cima de setenta e um cadáveres espalhados num

aeroporto ucraniano por onde os enviados da Imprensa inglesa deambulavam, de olhos atentos, seguindo inquéritos, investigando, indo ao pormenor do impossível.

No fundo, tratava-se de setenta e um cidadãos britânicos mortos em terra estrangeira e — ponto importantíssimo — a bordo de um avião de fabrico soviético. Aqui, especulação sentimental por um lado, sensacionalismo político por outro, os jornalistas britânicos fizeram a cobertura da tragédia com uma expansão que, naturalmente, iria acentuar certas razões comerciais que ultimamente preocupam a industria aeronáutica do país. É que o desastre do «TU 134» em Rijeka vinha servir de descredito publicitário a uma industria que se quer lançar no mercado das exportações aeronáuticas, até aqui um domínio exclusivo dos Estados Unidos. França e Grã-Bretanha (Uma semana depois a prova estava feita no festival de Le Bourget, onde os soviéticos apresentaram com grande sucesso o seu «Concorde» e um supercargueiro de alto rendimento comercial).

Encerro o apontamento das especulações subterrâneas para regressar ao acontecimento no seu plano essencial: setenta e um seres humanos destruídos brutalmente em escassos minutos. E eis que dessa carnificina, um dos jornais ingleses de maior tiragem ergue em grande plano e a toda a largura da 1.ª página a fotografia de uma vítima: Laddie, chama-se ela, e o nome enche o cabeçalho. Olhos inocentes, pólo branco, expressão terna, a cachorrinha domina a notícia e a opinião. Rijeka agora quer dizer Laddie — e paz aos homens de boa vontade.

EM todo o caso, a coisa foi tão, tão longe das marcas que um pastor protestante sempre se arriscou a vir à televisão protestar. Disse pouco, é certo, mas disse. Afirmou e reafirmou a sua simpatia pelos animais, acrescentou um bocadinho ao protesto, fez questão de lembrar a muita estima em que tem o seu cachorro, tornou a acrescentar mais umas palavras de lamentação, disse que na vida tudo tem o seu lugar devido, etc. Concluindo, ficou-se a saber que os animais são criaturas de todo o respeito mas que os humanos ainda o são mais aos olhos do Criador.

Não sei como a arrojada descoberta do protestante caiu na opinião britânica. Por mim não me admiraria nada que, depois da revolucionária palestra, surgisse aquele célebre anúncio comercial em que um cavaleiro muito doméstico se deleita a observar, com a água na boca, a comida marca tal que o cachorro está devorando.

Mas fiquemos por aqui. Não estraguemos a maravilhosa Primavera londrina, inundada de luz e de verdura. Quando chegar o Outono então, sim, começará a publicidade dos alimentos para os «pets», as donas de casa renovarão a assinatura da enciclopédia em fascículos onde se aprende a cuidar devidamente dos animais nossos amigos e cairão os primeiros aguaceiros fortes. «Choverão gatos e cães», como reza a expressão comum.

Isto porque, como se sabe, enquanto em Portugal se diz «chover a cântaros», aqui pensa-se logo em «pets».